

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

Trabalho de Graduação Individual em Geografia

ANDRÉ BERTOLINI

**Sensações do Capão Redondo: Ferréz e O Manual Prático
do Ódio ao olhar da Geografia Humanista**

São Paulo

2017

ANDRÉ BERTOLINI

**Sensações do Capão Redondo: Ferréz e O Manual Prático do Ódio
ao olhar da Geografia Humanista**

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao Departamento de
Geografia da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Orientador: Prof Dr. Rodrigo Ramos
H. F. Valverde

SÃO PAULO

2017

Nome: BERTOLINI, André

Título: Sensações do Capão Redondo: Ferréz e O Manual Prático do Ódio ao olhar da Geografia Humanista

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ramos H. F. Valverde

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.: Rodrigo Ramos H. F. Valverde (orientador)

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.: Júlio César Suzuki

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.: Felipe Cabañas da Silva

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Antes de qualquer outro, agradeço à minha família, Silvana, Marcos e Fábio, por me apoiarem, sempre com um amor incondicional, em minhas escolhas.

Agradeço também o meu orientador, o professor Rodrigo Ramos H. F. Valverde, que além de me guiar por uma outra maneira de se olhar a Geografia, sempre esteve presente e solícito para me ajudar.

À família que tive a chance e o prazer de escolher e que, mesmo longe, sei que sempre estarão presentes, Luiz, Túlio, Tulasi e Thiago.

Aos amigos Ana, Bianca, Gabriela, Guilherme, Gustavo e Rafael, com os quais aprendo cada vez mais, e cuja companhia me é indispensável.

Aos bons amigos da Geografia, que fazem parte de minha vida menos do que eu gostaria e com os quais eu sei que a discussão de qualquer tema será sempre estimulante.

Por fim, agradeço não só a Geografia, mas toda a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que me obrigou a uma constante desconstrução e reconstrução, tanto em termos acadêmicos, quanto pessoais.

Resumo

BERTOLINI, André. **Sensações do Capão Redondo: Ferréz e O Manual Prático do Ódio ao olhar da Geografia Humanista**. 2017. 75 f. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

O livro “Manual prático do ódio”, do autor Ferréz tem como trama o mundo do crime da periferia de São Paulo, mais especificamente, o bairro do Capão Redondo. Através da Geografia Humanista buscamos compreender quais são as experiências e sensações do narrador e dos personagens que compõem o livro, buscando entender a periferia não através de maneiras convencionais, como as abordagens econômicas, mas através de uma abordagem que priorizasse as experiências e percepções destes personagens.

Palavras-chave: geografia humanista; literatura; periferia; literatura marginal; lugar; espaço; tofília; topofobia.

Sumário

Introdução.....	p. 01
Capítulo 1 – Geografia Humanista e Literatura.....	p. 04
1.1 Os conceitos de Lugar e Espaço.....	p. 09
Capítulo 2 – O Manual Prático do Ódio e o Capão Redondo.....	p. 13
2.2 A trama.....	p. 18
Capítulo 3 – Lugares, Topofobia e Topofilia.....	p. 29
Considerações Finais.....	p. 38
Bibliografia.....	p. 39

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar, através de um viés geográfico, o livro “Manual Prático do Ódio”, escrito por Ferréz e publicado em 2003. À partir da trama criada pelo autor, buscaremos explorar, através da Geografia Humanista, de que maneira os personagens criados por Ferréz se relacionam com o espaço geográfico do qual fazem parte.

Ferréz é um autor proveniente da periferia que busca expressar, através da literatura, o cotidiano do bairro em que vive, o Capão Redondo, situado na cidade de São Paulo, com o objetivo de elucidar os problemas sociais que fazem parte daquela região, bem como as suas peculiaridades.

Os livros de Ferréz tratam de temáticas pouco comuns à literatura cânone, seja pelo seu conteúdo, seja pela sua forma. No geral, o autor busca suas referências na própria periferia, tentando encontrar elementos que possam ser transportados aos livros. Para o autor, morar na periferia serve como uma fonte de inspiração para os seus textos, pois é através das informações que encontra em seu cotidiano que ele cria os cenários e personagens que compõem a sua literatura, sendo que, para isso, Ferréz lançará mão de diversos recursos desse universo, como gírias, sensações, o espaço urbano desigual, problemas sociais, etc. Esse deslocamento do foco da literatura para a periferia, bem como a posição social do escritor, fazem com que a academia o considere como um forte representante da literatura marginal. Nascimento(2006), identificou três significados para a literatura marginal que são comumente encontrados no discurso dos autores, na mídia e na academia:

O primeiro significado se refere à produção dos autores que estariam à margem do corredor comercial oficial de divulgação de obras literárias – considerando-se que os livros se igualam a qualquer bem produzido e consumido nos moldes capitalistas – e circulam em meios que se opõem ou se apresentam como alternativa ao sistema editorial vigente. O segundo significado está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época, como nos casos das obras de vanguarda. Enquanto o terceiro significado encontra-se ligado ao

projeto intelectual do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos. Sob outro ponto de vista, “literatura marginal” designaria os livros que não pertencem aos clássicos da literatura nacional ou universal e não estão nas listas de leituras obrigatórias de vestibulares. Ou ainda, como nos estudos mais recentes, o emprego da expressão denotaria as obras produzidas por autores pertencentes a minorias sociológicas, como mulheres, homossexuais e negros. (Nascimento, 2006)

Hossne(2003), segue a última linha de pensamento proposta por Nascimento, entendendo a literatura marginal como aquela que se configura como a “que não está excluída do mercado editorial, que não está se excluindo do cânone, mas que está sendo produzida por quem está excluído social, econômica e literariamente”. Ferréz, então, ao se encontrar no contexto da periferia e viver esse contexto em seu cotidiano, está em contato com aqueles que estão excluídos de diversos circuitos da sociedade, sendo que ele mesmo se encontra em posição semelhante, pois também é morador da periferia e proveniente da classe economicamente inferior. Essa posição coloca o seu local de fala em evidência, visto que ele vive esse cotidiano e se relaciona com ele todos os dias, tendo uma posição de fala mais rica e complexa do que as das pessoas que não habitam e nem vivenciam aquela região, tanto pela profundidade do conteúdo quanto pela forma de passar esse conteúdo. Isso faz com que a literatura criada por Ferréz seja preenchida por uma vivência bastante realista, dando maior expressividade aos seus livros.

A escolha do livro “Manual Prático do Ódio”, que tem como palco a região do Capão Redondo e a temática explorada por ele está fortemente ligada ao mundo do crime, se dá pelo esforço de compreender outros aspectos da periferia que podem ser destrinchados pela Geografia mas que, em geral, não o são. Visto que grande parte dos trabalhos geográficos acerca dessas regiões busca explorar a precariedade e os efeitos da desigualdade social, muitas vezes se utilizando de um viés econômico, gostaríamos de nos propor a ir por uma outra linha, que leve em conta as sensações e as percepções dos moradores da periferia acerca de seu próprio espaço, escolhendo, para isso, a literatura como um objeto de estudo. Isso se deve ao fato de que o autor busca escrever acerca

de diversos aspectos da periferia que dizem respeito aos seus moradores, suas sensações, angústias e desejos, se utilizando da flexibilidade que a arte proporciona à expressão para mergulhar dentro dos pensamentos de seus personagens e coloca-los de modo explícito ao leitor, através dos hábitos, das maneiras de consumo, da linguagem própria da região, reflexões, entre outros.

Acreditamos que a literatura pode ser bastante interessante para entendermos a relação dos moradores da periferia com o bairro em que vivem, tendo como foco, especificamente, as sensações e as significações que estes dão ao seu bairro. Para isso, buscamos o enfoque da Geografia Humanista, realizando uma aproximação, em um primeiro momento, da Arte com a ciência geográfica e as suas possibilidades de convergência e, em um segundo momento, uma análise de como a geografia é representada das mais diversas maneiras no romance, buscando possíveis relações espaciais com hábitos e sensações dos personagens utilizados pelo autor. Baseando-se nos conceitos da Geografia Humanista de Espaço e Lugar, buscamos explorar as relações que os personagens desenvolvem com o bairro, identificando passagens do livro em que os lugares da periferia são explorados através das sensações e dos significados que os personagens do livro atribuem ao bairro em que vivem.

Capítulo 1 - Geografia Humanista e Literatura

A Geografia Humanista defende uma abordagem diferente daquela comumente encontrada nas ciências, se eximindo da ideia de tentar reduzir o mundo a algo compreensível, único e comum a todos. Ao invés disso, essa vertente busca entender subjetividades e percepções de mundo. Para isso, a Geografia necessita expandir os seus conhecimentos, aumentando ainda mais o seu caráter interdisciplinar para áreas da ciência que dialogam com essa abordagem. Apesar de ser comum para a Geografia se utilizar de conhecimentos de outras ciências para aumentar a sua compreensão acerca do espaço geográfico, essa prática geralmente se limita apenas a ciências que corroboram com uma visão de mundo positivista. Por isso, na Geografia Humanista, a interdisciplinaridade irá se expandir para outros campos com os quais dialoga mais coerentemente, como a psicologia, a semiótica, a arte e, como é o caso desse trabalho, a literatura.

De acordo com Tuan, a Geografia e a Literatura podem possuir uma relação bastante próxima, visto que ambas se utilizam de dois conceitos fundamentais: o espaço e o tempo, uma similaridade que as aproxima e facilita o diálogo entre essas duas vertentes.

A literatura explora, há muito tempo, diversas características das sociedades e do espaço em que vivem, fornecendo aos geógrafos uma fonte de análise rica e complexa. Para Lins(2003):

Os geógrafos podem aprender com os escritores, poetas e compositores, sem a necessidade de aplicar inquéritos, prática frequentemente adotada pelos cientistas sociais, em trabalho de campo. Cabe, então, aos geógrafos analisar esse material, já pronto, a respeito da fisionomia dos lugares, tradições religiosas, motivações migratórias e contrastes espaciais.

Essa aprendizagem citada por Lins se dá pelo fato de que a literatura explora uma grande diversidade de temas que são interessantes ao geógrafo, como a descrição de paisagens, prática bastante comum, ou explorando a sociedade e suas interações, seja com ela mesma, seja com o espaço. Isso faz

com que a Literatura possa ser uma forte aliada da Geografia apesar de não possuir uma metodologia semelhante, pois é capaz de explorar e descrever o espaço geográfico e seus desdobramentos de uma maneira bastante profunda, ainda que não tenha isso como um objetivo.

Tuan(1982), escreve que a Geografia Humanista: “[...]procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar.”. Essas características exploradas por Tuan vão de encontro a aspectos englobados pela literatura. Para exemplificar isso, escolhemos um livro que explora esse pensamento, um velho conhecido da Geografia, o livro *Vidas Secas*. Escrito por Graciliano Ramos(1955), o autor retrata um ambiente em que o clima árido e insalubre da caatinga dita as condições de vida dos personagens e como eles se relacionam entre si, sendo um agente ativo na vida destes personagens. Uma das passagens, escolhida por Monteiro(2002) para análise, conta a chegada do inverno e a importância dos fenômenos físicos para os habitantes da caatinga:

A caatinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis visões de pesadelo tinham agitado o sono das pessoas. De repente um traço ligeiro rasgara o céu para os lados de cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia-noite rolaram nuvens cor de sangue. A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia – e Sinhá Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas. Mas aquela brutalidade findara de chofre, a chuva, caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos. A água tinha subido, alcançando a ladeira, estava com vontade de chegar nos juazeiros do fim do pátio. Sinhá Vitória andava amedrontada. Seria possível que a água topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás.

No trecho acima, as condições geográficas estão presentes de maneira intensa, modificando a vida dos habitantes e inserindo na trama uma condição de incerteza da continuidade da vida naquele local, mesmo que o fato em

questão, a precipitação, seja justamente o elemento climático mais esperado no cotidiano da caatinga. No caso de Ferréz, isso é mostrado em um ambiente urbano, onde as condições físicas, como a chuva ou o calor, apesar de se fazerem presentes, figuram com menos expressividade do que em Vidas Secas. Mesmo assim, o espaço periférico urbano tem as suas interferências na vida dos moradores de modo a ser um palco ativo na trama do autor.

Para a Geografia, o espaço geográfico é um produto social, contendo em sua organização diversas características culturais do grupo social que o produz e modifica, ao mesmo tempo que lida com as possibilidades e os limites impostos pelo meio natural. Para Moraes(1988): “Esta produção social do espaço material, esta valorização objetiva da superfície da terra, esta agregação de trabalho ao solo, passa inapelavelmente pelas representações que os homens estabelecem acerca do seu espaço.”. Dessa maneira, a organização do espaço irá ser um espelho fiel de como determinada sociedade funciona. Porém, essa construção nem sempre se dá de maneira consciente e objetiva, pelo contrário, na maior parte das vezes ocorre de maneira não planejada, relegando à construção do espaço uma dinâmica inteiramente guiada pelo sistema que o rege. Por exemplo, se o sistema é desigual em termos de acesso aos bens de consumo e serviços, tal qual o capitalismo, o resultado expresso no espaço será uma organização desigual no acesso a esses bens.

É justamente devido a essa característica subjetiva que existe na produção do espaço que o romance pode ser utilizado como uma forma de apreender os processos e resultados que ali ocorrem ao captar essa subjetividade e transpassa-la para a obra literária. Como nos coloca Bastos(1993):

A representação do espaço geográfico no discurso literário do romance se dá de forma a incorporar na análise do espaço o componente do simbólico e da representação[...]. A partir do entendimento de que a apreensão do real leva em conta uma construção simbólica e de que o espaço é uma categoria de representação do real, este passa a ser considerado como tal – uma construção simbólica, que o romance é capaz de representar.

Todavia, para não causarmos algum tipo de desconforto, não procuramos entender que o autor de uma obra literária, nesse caso o próprio Ferréz, tem total compreensão de todos os fatores que compõem a sua obra. A realidade possui suas mais diversas facetas e seria um esforço inútil e pouco proveitoso tentar compreendê-la na sua totalidade. Isso quer dizer que o próprio autor da obra, apesar de conscientemente tê-la criado, deixa transparecer características da relação sociedade-espço que fogem a seu conhecimento, mas que fazem parte de seu cotidiano e de sua maneira de interpretar e representar o mundo, tornando o objeto literário, e em maior plano o artístico, uma obra que foge dos limites da consciência do próprio autor que a cria, expressando, dessa maneira, subjetividades que fazem parte da vida do autor.

Portanto, o espaço geográfico, na literatura, tem uma importância fundamental. Em geral, pensa-se o espaço nas representações textuais como um fator colocado unicamente pela exaustiva descrição da paisagem do lugar em que os personagens se relacionam, deslocando o papel do espaço geográfico para uma posição de pano de fundo, praticamente inerte no desenvolvimento da trama do romance. Essa análise não nos permite enxergar as relações mais profundas que permeiam a relação entre a sociedade e o espaço, dando a impressão de que o sujeito estaria descolado do lugar que habita e que possui pouca decisão na construção deste, ao mesmo tempo que é pouco influenciado por este. Na verdade, as relações sociais estão intimamente ligadas ao espaço e possuem uma relação dialética com este. Nesse sentido, Souza(1988) coloca que: “O palco é, tanto quanto as próprias relações sociais, condição de existência dos atores, do mesmo modo como estes são a razão de ser do palco.”. Então, se mostra impossível dissociar os grupos sociais dos espaços em que vivem, visto que ao mesmo tempo que este contribui para as mudanças daqueles, o caminho inverso também ocorre, impossibilitando a identificação de um sujeito primordial, que inicia essa relação, ou um sujeito que tenha mais influência do que o outro. Logo, o espaço geográfico está interiorizado nos próprios sujeitos, podendo transparecer no modo de vida, nas atitudes que tomam, na linguagem que usam, nos produtos que consomem, no modo que enxergam o espaço, entre outros.

Portanto, o objetivo da Geografia Humanista ao analisar uma obra literária consiste no desafio de compreender como o autor, e/ou os personagens, percebem o espaço em que vivem e como, a partir desses sentimentos, eles modificam a si mesmos e ao espaço em que vivem. Esse entendimento pode se dar de diversas maneiras, por exemplo, através da identificação e análise dos locais onde os personagens se encontram com frequência e como os percebem, como no caso de Ferréz e do “Manual prático do ódio”, em que o bar e a igreja aparecem como lugares de grande importância e movimentação na região do Capão Redondo.

1.1 O conceito de Lugar

A Geografia Humanista surge como uma forma de resposta à Geografia Positivista, que ganhava cada vez mais espaço como campo da ciência geográfica em meados do século XX. Enquanto grande parte da Geografia se concentrava em realizar estudos acerca das redes econômicas que, em tese, estruturariam a organização do espaço, alguns teóricos argumentavam que a ciência geográfica havia relegado a sociedade a um segundo plano, dotando o espaço de um caráter estritamente funcional (CLAVAL, 2002). Duas alternativas surgem diante desse crescimento positivista na Geografia, o primeiro se baseava nos estudos marxistas e buscava realizar uma geografia que se dizia crítica, já a segunda, a Geografia Humanista, se posicionava de modo a reestruturar suas raízes na fenomenologia, buscando uma renovação epistemológica que levasse em conta, primordialmente, as percepções dos indivíduos e dos grupos sociais. Diversos pesquisadores, então, começam a levantar ideias que levam em consideração fatores mais ligados aos humanos e suas percepções, subjetividades e cultura. Apesar de diversos estudos nessa linha terem sido realizados ao longo da década de 60 e 70, um marco emancipatório para essa vertente da geografia é a publicação do livro *Topofilia*, de Yi-Fu Tuan, lançado em 1974, que possui um caráter fortemente humanista, visto que privilegia uma visão da geografia centrada nas percepções e nas sensações. Para exemplificarmos esse fato, basta uma olhada rápida no sumário do livro em questão, em que o autor busca explorar percepções, psicologia, mundo vivido, cultura, simbolismo, entre outros temas que eram pouco comuns à geografia até então, desenhando uma nova forma de abordar o objeto de estudo da ciência geográfica através de uma interdisciplinaridade que levasse em conta características voltadas para a percepção do espaço. Os geógrafos dessa linha passam a buscar outras maneiras de estudar a geografia, buscando diminuir a influência das quantificações e aumentar a influência de outros campos do conhecimento. De acordo com Marandola Jr.(2013):

Na esteira do grande debate teórico e metodológico promovido pela Nova Geografia, alguns geógrafos voltaram-se para a literatura, a história, os estudos culturais, a psicologia e sobretudo a filosofia, buscando renovar epistemologicamente a geografia com valores

humanistas: a crítica da época era que a geografia, ao buscar ser ciência, estava deixando de ser humana.

A ideia central passa a ser colocada no âmbito do mundo vivido e não mais nas fórmulas e dados que tentavam reduzir a realidade a algo facilmente apreendido e de significado único para todos os humanos. Pelo contrário, com a ideia de mundo vivido, a Geografia passa a se importar mais com as experiências, percepções e concepções de cada um acerca de seu mundo. Através desse pensamento poderia se argumentar que a ciência geográfica se tornaria extremamente individualista, já que estaria se voltando para o entendimento do indivíduo acerca de seu espaço, sem se preocupar em fazer uma análise que visasse o coletivo. Porém, apesar desse âmbito existir e fazer parte da abordagem humanista, os grupos sociais também compartilham de percepções e apreensões de mundo, visto que os indivíduos que os compõem estão inseridos em um mesmo contexto, dotando essa abordagem, também, de uma visão que possibilita o abarcamento do nível coletivo.

Para nós, a ideia de percepção está vinculada a uma exteriorização de sentimentos e pontos de vista internos aos humanos (TUAN, 1980). Ou seja, perceber é dotar algo de algum tipo de sentimento ou ponto de vista humano, uma adição de significado a alguma coisa, ou, no caso da geografia, a um lugar. Sabemos que para se perceber um lugar, é necessário utilizar diversos sentidos humanos, como a visão, o olfato, o tato e a audição, sendo necessário chamar atenção para o fato de que a visão, apesar de ser o sentido mais presente na percepção espacial, é insuficiente quando isolado. Todos os lugares possuem estímulos que dizem respeito aos diversos sentidos humanos, como cheiros, texturas e sons diferentes. Essa composição de diversas características nos leva a criar um sentimento em relação ao lugar, podendo considera-lo confortável, agradável, hostil, repugnante, amedrontador, entre tantos outros, e é justamente nesse contexto de percepção espacial que dois conceitos nevrálgicos para a Geografia Humanista irão surgir, o Espaço e o Lugar.

Apesar da Geografia se utilizar de diversos conceitos (região, paisagem, lugar, espaço, território, etc.) os conceitos de Espaço e Lugar foram mais bem explorados pela Geografia Humanista por responderem de modo mais coerente

a essa forma de abordagem, já que levam em consideração ideias de significação e percepção, valorizadas por essa abordagem geográfica.

A ideia de Lugar estaria fortemente atrelada a uma significação de determinado local pelo indivíduo através de sentimentos que criam algum tipo de laço, podendo este ser positivo ou negativo, de acordo com a concepção daquele indivíduo. Esse conceito não busca delimitar de forma material os seus limites, fazendo com que a ideia de Lugar possa abarcar locais de pequena extensão, como uma residência, e locais de grande extensão, como um país inteiro. Por exemplo, para um morador que compartilha o aluguel de sua casa com outras pessoas, o seu quarto será um lugar que conterà um significado bastante íntimo, provavelmente dotado de uma ideia de privacidade e segurança. Já para um viajante brasileiro que se encontra em outro país, o Brasil inteiro, como nação, pode se configurar como um lugar com o qual ele possui laços afetivos e se identifica. Essa volatilidade do conceito pode alcançar dimensões ainda maiores, deixando inclusive de ser uma estrutura física imóvel e podendo vir a ser um referencial humano. Para Tuan(1983) uma criança pode entender um lugar de uma maneira completamente diversa da de um adulto: “Como uma criança pequena entende um lugar? Se definirmos lugar de maneira ampla como um centro de valor, de alimento e apoio, então a mãe é o primeiro lugar da criança.”. Nesse sentido, a criança veria a mãe como um lugar, pois esta é dotada, por parte da criança, de um sentimento afetivo e de segurança. Outros exemplos de lugares, que são bastante comuns em nossa sociedade, podem ser os colégios, locais de trabalhos, locais de lazer frequentados com regularidade, ou qualquer outro que o indivíduo tenha criado algum tipo de laço afetivo. Portanto, “o lugar é fechado, íntimo e humanizado.” (Tuan 1983).

Já a categoria Espaço diverge de maneira antagônica ao Lugar. Enquanto o Lugar é segurança e afetividade, o Espaço é transitoriedade e efemeridade, podendo inclusive significar a insegurança. Chamamos de Espaço aqueles locais que pouco conhecemos e nos quais inexiste uma ligação afetiva. Por exemplo, as vias de tráfego, as casas que passam pela janela do ônibus, um shopping nunca frequentado, ou seja, todos os locais que desconhecemos e, portanto, não tivemos a chance de criarmos algum laço afetivo. Nesse sentido, o Espaço pode ser visto como insegurança, já que guarda em si a ideia do

inexplorado e do desconhecido, mas também pode ser visto como liberdade, por não possuir uma delimitação clara e incorporar quase todas as possibilidades de movimento que realizamos em um trajeto.

Espaço e Lugar possuem uma relação antagônica, porém, não se excluem, pelo contrário, o conceito de Lugar só faz sentido através do conceito de Espaço e vice-versa. Ao mesmo tempo, nada impede que um venha a tornar-se o outro, dependendo da relação que o indivíduo desenvolve com o espaço. Isso significa que um local que poderia ser definido como espaço para alguém pode vir a se tornar um lugar, dotado de significados e sensações, dependendo da relação que passa a se estabelecer entre o indivíduo e o lugar. Frémont(1980) coloca essa diferença da seguinte maneira: “O espaço é o estranho, o que incomoda é a aventura. O lugar é a tranquilidade, a segurança.”.

Capítulo 2 - O Manual Prático do Ódio e o Capão Redondo

No livro escolhido para o presente trabalho, “Manual prático do ódio”, temos uma abordagem do autor acerca do espaço em que vive: a periferia. Isso faz com que Ferréz explore pontos de vista pouco comuns, como o de motoristas de ônibus, traficantes, ladrões, policiais, entre outras figuras que permeiam a periferia e que possuem pouco espaço em nossa literatura. Fischer(1963) ao citar o dramaturgo Brecht, nos coloca que:

Numa sociedade fundada pela luta de classes, o efeito imediato de uma obra de arte, conforme com a estética dominante, é suprimir as distinções sociais no público e enquanto a obra está a ser apreciada criar assim um colectivo que não se divide em classes, mas é universalmente humano.

Caso o artista opte por mascarar os efeitos da luta de classes e a desigualdade social e espacial que esta gera, estará optando por realizar uma arte passiva, moldada para ser socialmente aceita e introduzida no círculo do poder vigente para que o dissemine e o perpetue. O livro “Manual prático do ódio”, todavia, busca fazer justamente o contrário. Ao colocar em voga os conflitos que permeiam a periferia, Ferréz escancara os resultados da desigualdade social, não incorrendo em uma tentativa apelativa de justificar as atitudes, por vezes brutais, dos personagens que se envolvem com o crime, mas sim lançar luz na humanidade destes, explorando os problemas que estes personagens enfrentam a partir do ponto de vista dos mesmos, colocando o leitor, caso este não faça parte desse círculo social, em uma posição que originalmente não ocupa e pouco conhecimento possui acerca daquela realidade, de modo que, ao lermos Ferréz, somos deslocados de nosso ponto de vista e assumimos a visão de personagens inseridos em um círculo social distante da maioria das pessoas que estão inseridas no meio da Literatura canône, como leitores ou produtores, facilitando a compreensão das aflições e das atitudes tomadas pelos personagens. Ainda de acordo com Fischer:

No mundo alienado em que vivemos, a realidade social deve ser apresentada de uma maneira atractiva, sob uma nova luz, que revele a alienação do tema e das personagens. A obra de arte deve cativar o público não através de uma identificação passiva mas de um apelo à razão que obrigue à acção e à decisão.

A literatura de Ferréz, portanto, nos obriga a repensar valores e questionar a organização social vigente, através dos conflitos colocados por ele e a maneira que seus personagens percebem e lidam com estes. Ao deslocar o epicentro da obra literária para a periferia, passamos a poder compreender, a partir da visão de alguém da própria periferia, quais são as questões e as sensações em relação a esta, que permeiam o cotidiano daquela região, no caso o Capão Redondo, mas que pode ser expandido, com determinadas ressalvas, a um pensamento da periferia como um todo. Para isso, por vezes o autor escancara as questões que fazem parte do cotidiano da periferia, colocando abertamente os problemas e reflexões que realiza se utilizando de um discurso bastante explícito, como na seguinte passagem: “[...] as vítimas eram sempre jovens de 14 a 16 anos, e os executores dos furtos também tinham a mesma idade, a única diferença entre os jovens que roubavam e os roubados era o muro social que divide o país.” (p. 47). Outras vezes, ele busca ser mais sutil, deixando para que o leitor capte, através dos pequenos atos de seus personagens, os conflitos que ali estão sendo colocados. Por exemplo, ao apresentar um dos personagens do livro, Celso Capeta, Ferréz explora a infância deste, buscando elucidar fatores que possam ter contribuído para que Celso entrasse na vida do crime, como a sua saída precoce da escola, a recusa dos pais adotivos em continuar educando-o e a desigualdade social que vive, exemplificada pela diferença entre a sua casa, que “tem córrego fedorento, chuveiro com extensão queimada.”, enquanto na casa em que trabalhou como ajudante de pintor “tinha piscina, hidromassagem”. O autor, porém, não faz nenhuma relação direta do passado do personagem com a sua situação atual, deixando ao leitor que as condições por ele colocadas formem um mosaico que compõe a vida desse personagem e, em certa medida, humanize seus atos.

A comparação das diferenças entre as classes econômicas é uma ferramenta utilizada com bastante frequência por Ferréz. Essa técnica deixa bastante explícito o abismo que existe entre um grupo social e outro. Uma outra passagem em que isso fica claro é quando um dos personagens, José Antônio, ao assistir televisão enquanto janta arroz e chuchu assiste aos protagonistas da novela “desfrutarem de um verdadeiro banquete”.

Essa dinâmica cria um incômodo no leitor, que passa a se mobilizar emocionalmente e é obrigado a tentar compreender as dificuldades pelas quais passam os personagens do romance. Esse deslocamento do ponto de vista é precioso para que as ideias que permeiam o senso comum sejam aprofundadas e ultrapassadas, gerando uma nova maneira de apreender as questões colocadas por Ferréz e suscitando uma posição mais embasada por parte dos leitores, mesmo que já estejam inseridos na realidade proposta pelo autor, já que a maioria dos indivíduos não teve a chance de realizar o exercício de refletir acerca de sua própria realidade buscando entender os processos que geram e reproduzem seu mundo. Para isso, o autor realiza um mergulho na consciência de seus personagens, explorando o modo com que cada um deles reage diante das situações com as quais se deparam e como percebem o espaço ao seu redor. Em diversos momentos, Ferréz explicita a percepção destes acerca do bairro precário em que vivem, colocando o leitor na pele dos personagens através de uma construção rica em sensações, explorando personagens que variam desde os executores de crimes até o trabalhador da classe baixa, morador da periferia e não participante do mundo do crime.

Porém, antes de imergirmos no estudo específico do Manual Prático do Ódio, acreditamos ser necessário realizar algumas considerações acerca do bairro que respalda toda a trama, o Capão Redondo.

Localizado na periferia da Zona Sul de São Paulo, o Capão Redondo é um dos bairros mais precários da cidade de São Paulo em diversos quesitos. A Rede Nossa São Paulo, instituição que se auto declara como apartidária, inter-religiosa e horizontal, busca realizar levantamentos e análises de dados referentes a diversos índices da cidade, com o objetivo de aumentar o conhecimento acerca dos problemas desta e propor intervenções que visam minar, ou diminuir, as relações de desigualdade encontradas. Para isso, a instituição realiza um levantamento minucioso de infraestrutura em diversos setores, como cultura, saúde e educação, dividindo esses setores em subsetores. Os dados sobre cultura, por exemplo, são formados através do levantamento de diversos aparatos culturais, como o número de bibliotecas, cinemas, disponibilidade de livros, centros culturais, equipamentos culturais públicos, frequência de público, museus, salas de shows e teatros. Essa análise

é realizada em todos os grandes bairros da cidade de São Paulo, como Consolação, Sé e Grajaú e, a partir de uma metodologia comparativa, encontra-se os níveis de desigualdade entre os bairros mais bem estruturados em um quesito e os mais mal estruturados em outro quesito. No caso do Capão Redondo, o bairro que serve de pano de fundo ao romance de Ferréz, temos uma situação preocupante, em que este se encontra na segunda posição entre os bairros mais precários da cidade, se colocando à frente apenas do bairro Grajaú, que de acordo com a pesquisa, seria o bairro com a pior infraestrutura da cidade. À título de exemplo, o Capão Redondo conta com 0,02 leitos hospitalares para cada mil habitantes, o pior bairro nesse quesito, enquanto o melhor, Bela Vista, possui 38,95 leitos hospitalares para cada mil habitantes.

Essa situação de precariedade irá marcar profundamente a vida dos habitantes dessa região, sendo que no romance a temática é longamente explorada. Diversos quesitos em que o bairro se encontra em uma situação calamitosa são explorados por Ferréz, como o descaso da estrutura pública, a precariedade da moradia, a violência urbana, entre outros.

A trama principal é composta, principalmente, por sete personagens, sendo que um deles, Régis, assume o papel de protagonista diversas vezes na trama. Ferréz, ao compor os sete personagens principais, teve a preocupação de traçar os seus passados e criar uma composição bastante complexa e diversificada, tal qual o cenário da periferia. Estes possuem origens variadas, parte migrantes e parte paulistanos, demonstrando a diversidade que a periferia possui em sua composição. Ainda de acordo com a pesquisa da Rede Nossa São Paulo, 42% dos entrevistados não haviam nascido na cidade de São Paulo, sendo que a maioria era proveniente de outros Estados, principalmente Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Todos os personagens recebem de Ferréz, em algum momento do livro, algumas observações e reflexões acerca de seu passado e de seu presente. Buscando levantar questões que fazem parte da vida desses personagens, Ferréz se utiliza da diversidade com a qual a periferia das grandes metrópoles são formadas, em especial a da cidade de São Paulo, grande receptora de imigrantes ao longo do século XX. Os imigrantes, vindos de diversas partes do território brasileiro mas mais marcadamente nordestinos, se instalam na cidade da maneira como podem. Sem o dinheiro necessário para

conseguirem uma moradia nas regiões centrais, grande parte desse contingente se vê na necessidade de se deslocar para as periferias da cidade, formando bairros precários que são construídos a partir de um mosaico de identidades brasileiras. Ao mesmo tempo, essa ocupação do espaço urbano periférico é feita de maneira desordenada, com pouco planejamento, gerando bairros que sofrem com a falta de infraestrutura e a dificuldade de acesso a serviços básicos, como o tratamento de água e a canalização de esgotos, dando origem a regiões precárias e com pouca infra estrutura, como é o caso do Capão Redondo.

Além disso, Ferréz se preocupa em mostrar o mundo do crime de uma maneira mais completa, evitando encerrar a criminalidade como algo que é criado e perpetuado dentro da periferia, uma visão bastante comum em representações artísticas que visam explorar o contexto da periferia. Bentes (2007), por exemplo, realiza uma crítica ao filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meireles (2003), levantando o ponto de que o diretor erra em retratar a favela como um sistema fechado, que se auto alimenta e reduz a relação dialética que esta possui com o resto da cidade, do país e com as instituições estatais, processo que ela chama de *Cosmética da Fome*, que visa espetacularizar as mazelas sociais para maior apelo comercial. Ferréz, por outro lado, parece compreender que a favela possui ligações tanto locais, que se dão entre si, quanto com o resto da cidade. Essas ligações aparecem de diversas maneiras, por exemplo, através do personagem Mágico, da classe média, e a relação deste com o crime, ou com as relações de conluio do tráfico de drogas com a Polícia Militar do Estado de São Paulo, buscando mostrar que as favelas são uma parte de todo o complexo problema em relação aos crimes, que abrange diversos setores da sociedade, tanto privados quanto públicos.

2.2 A trama

Toda a trama da história se dá através de uma aliança firmada entre os protagonistas do livro. O objetivo dos principais personagens é realizar um assalto a banco, planejado por Mágico e executado pelos outros integrantes do grupo. Todavia, ao mesmo tempo, Modelo, dono de uma nova boca de fumo, busca se vingar do assassinato de seu primo Guile pelas mãos de Neguinho da Mancha na Mão, um dos integrantes do grupo, e, para isso, passa a tentar assassinar os integrantes do grupo e familiares e amigos de Neguinho da Mancha na Mão.

Um fato interessante a ser notado ao longo da trama colocada por Ferréz é a relação entre o mundo do crime e outras instituições, como a policial. Em todas as passagens do livro em que a polícia atua, ela é retratada de maneira corrupta, aceitando subornos e realizando parcerias com aqueles que fazem parte do mundo do crime. Essa atitude atinge desde os policiais que realizam as rondas e abordagens nas ruas, como o delegado de polícia, que se junta a Modelo quando este abre uma nova boca de fumo. Em uma das passagens, Ferréz coloca o papel do delegado no repasse de drogas: “Sorte, quase esqueceu a arma e o pacote com cocaína que havia comprado de Modelo, os presos iriam ficar doidos se o delegado Mendonça não trouxesse a única coisa que acalmava a cadeia.” (p. 141). Nesse trecho, o delegado age como um intermediador, que repassa cocaína e a vende para dentro da cadeia, não só com o intuito de ganhar dinheiro em cima da venda, mas também com a ideia de acalmar os presos e garantir à sua posição mais conforto.

Ao mesmo tempo, Ferréz retrata os policiais como pessoas que, apesar de serem corruptas e trabalharem de forma repressora, possuem uma vivência extremamente parecida com aquela das pessoas que fazem parte do mundo do crime, inclusive morando próximos uns dos outros. Na visão de um dos personagens que figura no esquadrão da polícia militar, apesar de não morar na favela, mora próximo a ela e isso poderia lhe render “consequências” vindas por parte daqueles que fazem parte do crime, já que, como policial, ele representaria um certo perigo para a região, porém, as suas condições de vida também são precárias, tal qual a dos moradores da periferia:

Aires acordou tarde, estava no horário de 12 por 36 já fazia duas semanas, fora o bico que estava fazendo para garantir o pagamento de suas dívidas, entre elas o aluguel que pagava para sua tia, sabia que o preço estava alto para um quarto, mas também só tinha uma cama e uma cômoda no momento, e ainda tinha a vantagem da garagem incluída no preço, afinal precisava dela para guardar o Kadet, o carro foi parcelado e era um dos maiores pesos no orçamento (p. 80)

Os objetivos do policial Aires, que passa a fazer parte de um esquema de corrupção com o tráfico de drogas, é muito semelhante aos do próprio tráfico, já que ele buscava somente: “[...] os pacotes de dinheiro e não problemas.” (p.80).

Além da trama principal, Ferréz explora o cotidiano do Capão Redondo de maneira profunda, por vezes deixando os protagonistas de lado para desenvolver conflitos secundários, onde figuram personagens diversos que encarnam determinados tipos de habitantes da periferia. Essa constante mudança de foco nos dá uma impressão de que o verdadeiro protagonista do livro é a região do Capão Redondo e como os seus habitantes se relacionam com ela e com eles mesmos, elucidando diversas relações sociais e peculiaridades da região.

O personagem Dinoitinha, por exemplo, é uma criança de seis anos que tem a sua vida explorada por Ferréz diversas vezes ao longo do livro. Em uma delas o acompanhamos enquanto assiste uma partida de futebol, em uma pausa que ele dá durante o seu trabalho de vender rosas no farol:

[...] o jogo estava quase acabando, sabia que logo teria que ir embora, sempre no final do campeonato os meninos mais velhos vinham com a maconha, separavam os grãos, tiravam as impurezas e todos fumavam, seu pai havia dito para ficar longe daquilo, ele obedecia, um pouquinho antes do jogo terminar ia embora, nos lugares onde vendia rosas também tinha muito disso, a maioria dos meninos usava, não queria voltar para casa, tinha que arrumar outro lugar para ir, sua mãe devia estar chorando ainda, ele viu o soco que seu pai lhe deu, ela só caiu alguns segundos depois, a dentadura rachou, ela chorou muito e Dinoitinha resolveu assistir o resto do campeonato, o pai bêbado podia partir pra cima dele também (p. 70)

Nessa passagem, o autor deixa bastante clara como é a infância de um morador da classe mais baixa da periferia, em que o amparo familiar, o econômico e o institucional são praticamente nulos. Em outra passagem do livro, Ferréz ilustra a fuga do menino da escola, um local que todas as vezes que é retratado, é colocado como local de repressão e que teria pouco valor para a periferia.

Ferréz, ao escrever sobre o Capão Redondo, busca ultrapassar a paisagem visual, tentando fornecer elementos que façam com que os leitores apreendam a periferia de maneira mais completa através de características que visam outros sentidos que não a visão. É comum que o autor fale de cheiros e sons para mostrar ao leitor a paisagem que ele está montando e, portanto, como é o lugar que esses personagens habitam. Tuan(1980), nos explica que: “Uma pessoa que simplesmente ‘vê’ é um espectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena.”. Ferréz, portanto, por estar inserido na periferia e escrever diretamente desse lugar, apreende o seu espaço de maneira mais complexa, de modo que só a visão seria insuficiente para elucidar, de fato, a região. À partir do cheiro, por exemplo, Ferréz nos fala da precariedade da habitação de dona Vera, avó de Dinoitinha, em que: “[...] o penico embaixo da cama, o cheiro forte de urina e fezes”. O autor também conta das músicas que permeiam a periferia, como o rap e o funk e, dependendo do horário que são tocadas, colocam a região em conflito. Por exemplo, durante à tarde, um dos personagens, Paulo, reclama do som alto que toca sertanejo e atrapalha os seus estudos: “[...] mas não lia de tarde, sempre reclamava das músicas altas que os vizinhos escutavam diariamente, ler Herman Hesse ouvindo Zezé di Camargo e Luciano[...] não era o seu sonho de vida.”. (p. 76).

Outro aspecto importante e que ajuda Ferréz a enriquecer a descrição da periferia, são os hábitos de consumo alimentar de seus moradores. Através disso, podemos entender quais são os alimentos que eles priorizam e por qual motivo o fazem. De acordo com Marandola Júnior e Gratão(2011):

O sabor[...] envolve valores culturais, éticos e humanos, numa relação que ultrapassa o inventário dos conteúdos da área e de seus objetos. Uma relação que se estabelece no modo de ver o mundo, aos seus

padrões objetivos, mas também às crenças das pessoas, aos significados subjetivos dos lugares

Ao longo do livro, existem diversas passagens em que o café e o pão são colocados como os alimentos primordiais e que fazem parte do cotidiano desses habitantes. Uma passagem que explicita isso é quando Nego Duda começa a realizar assaltos para se sustentar: “[...] encostou uma moto CG 125 em frente ao portão, desceu com dois sacos de pães, abriu um e jogou todos os pães para o Negão, o outro ele colocou em cima da mesa” (p. 41). Negão é o apelido dado por Nego Duda a seu cachorro. Mais do que quaisquer outros, pão e café surgem com frequência na vida dos personagens e fazem parte de sua alimentação mais básica. Além deles, como o bar é um local que aparece com frequência, a cerveja também é uma bebida bastante comum, que faz parte do cotidiano da periferia. Uma passagem bastante emblemática acerca das práticas alimentares e quais são as prioridades dos habitantes da periferia em relação a isso, é quando Nego Duda compra o “[...] básico do básico, papel higiênico, sabonete, arroz, feijão, óleo, sal e café.” (p.40). Demonstrando o que seria o consumo do básico para aqueles moradores. Ao mesmo tempo, a precariedade alimentar leva a mãe de Régis a pedir para a patroa, na casa em que trabalha como empregada doméstica,

[...] ossos com restinhos de carne, a mãe de Régis falava que era para o cachorro, mas em casa preparava para os filhos, cozinhava com batatas e os convidava para comer a deliciosa sopa, Régis e sua irmã corriam pra ver quem chegava primeiro ao prato com o osso maior. (p. 44)

A periferia, então, se encontra marcada por hábitos alimentares que nos ajudam a compreender parte de seu espaço. Enquanto a alimentação da classe média e alta é marcada pela diversidade e pelo exagero, a alimentação da classe baixa prioriza o básico para o sustento alimentar, como o arroz e o feijão, e o básico dos alimentos que estão fortemente ligados à cultura brasileira, como o café. Para Tuan(1983):

Os sentidos do olfato e do tato são educados mentalmente? Tendemos a negligenciar o poder cognitivo desses sentidos. No entanto, o verbo francês *savoir* ('saber') está intimamente relacionado com o inglês *savor*. O paladar, o olfato e o tato podem atingir um extraordinário

refinamento. Eles discriminam em meio à riqueza de sensações e articulam os mundos gustativo, olfativo e textural.

Os hábitos alimentares, portanto, podem dizer muito sobre um lugar, como as preferências de consumo dos habitantes, as possibilidades que o meio natural coloca à agricultura e a cultura alimentar.

Outro aspecto importante, escolhido por Ferréz, para retratar a periferia, é a linguagem, marcada por expressões e gírias que não figuram na linguagem formal e costumam se restringir a oralidade. Ferréz faz com que seus personagens, e também o narrador, criem uma narrativa marcada por regionalismos linguísticos. Ao optar por isso, Ferréz aproxima o livro de seu público mais periférico, ao mesmo tempo que cria uma representação mais marcante e mais rica de sua obra. O autor poderia ter optado por uma linguagem formal para narrar a história, deixando aos personagens a fala marcada por expressões coloquiais, porém, por fazer parte desse universo, Ferréz opta pelo uso das gírias também em sua narração. É importante notar que a linguagem, nesse caso, se configura em importante instrumento da região, identificando aqueles que reconhecem e falam a língua da periferia, ao mesmo tempo que a valoriza ao coloca-la em um meio como a literatura que, pela sua história, se posta como uma forma de arte que opta por uma linguagem formal e mais elitizada. Portanto, expressões marcantes da periferia são utilizadas com bastante frequência, ainda mais quando faladas pelos seus personagens. Gírias como 'truta', 'jão', 'zé-povinho', entre outras, são mais comuns. É curioso notar que essas expressões acabam sendo apropriadas pela elite através de expressões culturais da periferia como o rap e o funk que, em algum momento, são consumidas pelas regiões mais centrais e de poder econômico mais elevado. De acordo com Preti (sem data):

Hoje, com a grande divulgação da informação, com a presença social atuante da mídia, a gíria se vulgariza muito rapidamente, assim como rapidamente se extingue e é substituída por novas formas. Essa efemeridade é uma das características mais presentes no vocabulário gírio e, de certa maneira, identifica-o com a grande mobilidade de costumes da época contemporânea. E, talvez por essa constante dinâmica é que a gíria tornou-se tão utilizada em nossos tempos

Algumas outras expressões são mais desconhecidas, como loque, cabeça branca e cavalo de aço, que não possuem uma circulação em todas as camadas da sociedade e, portanto, não são reconhecidas por estas. Com base nessa grande gama de gírias inventadas, o sítio eletrônico www.capao.com.br buscou realizar um levantamento colaborativo de palavras inventadas e/ou utilizadas na região, onde qualquer pessoa pode inserir uma gíria no dicionário, explicando a sua definição e usando-a em um exemplo. A essa parte do site, eles deram o nome de “dialecto”, evidenciando a força das gírias utilizadas e a maneira que os próprios habitantes da região lidam com a criação de palavras. Para a gíria ‘loque’, por exemplo, colocada no site como ‘loke’, encontramos a seguinte definição:

“LOKE

pessoa louca

O Zé deu uma de Loke”

Essa criação de gírias e palavras novas são importantes para a região, pois é através de signos como estes que se cria uma identidade que envolve todo um grupo, fazendo com que seja através de signos como este que os integrantes de determinado grupo se entendem como iguais e traçam paralelos entres eles. Ainda de acordo com Preti, as gírias carregam consigo uma visão de mundo, dando àqueles que falam uma expressividade acerca do local em que vivem. Para ele:

[...] os vocábulos gírios demonstram que existe, muitas vezes, uma forma de se relacionar a gíria com a visão que o falante expressa do mundo em que vive. Nesse processo de designação subjetiva, os vocábulos expressam os sentimentos, as atitudes em face do meio em que o falante vive, o julgamento crítico e a representação do mundo. Daí podermos considerar a gíria como um dos instrumentos verbais na luta de classes.

Portanto, o uso da gíria possui uma conotação muito mais profunda do que a criação de uma nova palavra, ela representa uma identidade social e como aqueles que se identificam com elas enxergam o seu mundo. Para Ferréz, essa ferramenta em sua narrativa é essencial, pois ela é uma das ferramentas

utilizadas no livro *Manual Prático do Ódio* que conversa com os seus leitores da periferia. Quando analisamos este fato levando em conta que a população da periferia possui, por diversas razões, menos acesso à literatura, os livros de Ferréz passam a ter uma influência local, e, num espectro maior, uma influência nas periferias da cidade de São Paulo, possibilitando aos habitantes dessas regiões um maior contato com a literatura através da identificação destes livros como representantes de uma identidade. Como o próprio Ferréz diz ao ser entrevistado pelo *El País* acerca da influência do livro na região em que mora e em pessoas que se identificam com sua temática:

Eu ia nas escolas e os alunos me paravam para perguntar sobre um capítulo do livro. Me ligavam da cadeia pra perguntar do *Manual Prático do Ódio*. Me diziam “mano, não to entendendo, fala aí, o que que quer dizer isso?”. E eu dizia: mano, cê tá falando de onde? De [presídio] Presidente Bernardes

Se consideramos o que foi proposto por Fischer, de que a arte que busca causar uma mudança social deve encontrar e demonstrar as contradições sociais, o livro de Ferréz é uma ferramenta valiosa. Ao se utilizar de uma linguagem e de uma temática que aproximam o leitor da periferia aos seus livros, e, como estes livros demonstram contradições sociais, escancarando as desigualdades sociais e os conflitos de classe, o autor estará levando à periferia um material passivo de criar e/ou ampliar a consciência dos habitantes que ali vivem em relação ao seu lugar na sociedade e na cidade. Por isso, o livro de Ferréz não se encerra em um caminho de mão única, possuindo apenas uma representação de seu bairro, mas produz uma relação cíclica, em que a arte criada pelo autor pode incitar uma mudança no espaço através de uma mudança de consciência de seus leitores, guardadas as devidas proporções, obviamente.

Apesar de defender a identidade da periferia e de relacionar a sua literatura, a todo momento, com essa ideia, Ferréz também mostra o quanto essas regiões tendem a repelir os seus moradores. Ao ser perguntado sobre a sua estadia no bairro do Capão Redondo mesmo após possuir recursos para sair de lá, o autor responde que, naquela região, ele sente que faz a diferença de alguma maneira, que é conhecido e, portanto, influente. Porém, ao longo de

diversas passagens do livro, vimos que os moradores da periferia, apesar de se sentirem inseridos em um contexto que faz parte da identidade destes, buscam sempre uma vida para fora da periferia. José Antônio, por exemplo, ao encontrar um acúmulo de lixo deixado na porta de sua casa:

[...] imaginou que era um gigante, um gigante com mais de dez metros de altura, sua mão levantando sua casa, imaginou sua mão embaixo da casa, a levantando e colocando em outro lugar, um lugar onde não haveria lixo, um lugar onde o córrego fosse canalizado, um lugar sem som alto e com grandes árvores que fariam sombra para seus filhos. (p. 128)

Régis nos passa essa mesma sensação de vontade de uma vida em um lugar mais bem estruturado ao longo de todo o livro. No início, ele persegue o sonho de abrir um comércio ligado a telefonia no interior do Estado e, em uma das passagens, quando se dirige a casa de Mágico: “Morumbi Sul não é pra qualquer um morar, ainda mais em casa, um apartamento até que dá, mas casa é só pra quem tem, Régis sabe disso e sempre que chega à casa do parceiro cresce os olhos, queria ter aquilo” (p. 124).

Um fato interessante, já que, apesar de se identificarem e se relacionarem de maneira mais confortável com os outros moradores da periferia, os personagens acima citados se veem desejosos de uma vida que possua maior conforto material.

Nos parece que a periferia como um todo é um lugar que está marcado por uma profunda dicotomia que oscila entre a identificação e a repulsão. Enquanto os personagens, e o próprio narrador, reconhecem certas qualidades na vida da periferia, como a coletividade, eles possuem uma repulsão, causada pela precária situação encontrada nessa região. Esse movimento é interessante, pois os personagens tem um olhar de admiração em relação ao lugar em que vivem, conseguindo discernir qualidades, ao mesmo tempo que possuem o desejo de ir para outro lugar, devido aos problemas.

Essa admiração pode ser contemplada através do conceito cunhado por Tuan(1980), de Topofilia. De acordo com o autor:

A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão.”.

O conceito de Topofilia, então, estaria ligado aos sentimentos positivos em que cada indivíduo, ou grupo social, nutre por um determinado local. Esse movimento é realizado através de uma significação positiva do indivíduo, ou do grupo social, com um determinado lugar.

Ao mesmo tempo, Tuan(2005) cunha o conceito de Topofobia, que é justamente o contrário, que consiste no fato de indivíduos, ou grupos sociais, aliarem um local a sentimentos negativos que causam algum tipo de medo, sendo que, como diz o próprio autor, o sentimento de medo, para o ser humano, é bastante amplo, abrangendo desde o medo da injúria física, até o medo da vergonha, diferentemente de alguns outros animais que possuem uma estrutura cognitiva menos complexa que a nossa, em que o medo irá se configurar como um instinto de sobrevivência.

Nos parece que os moradores da periferia transitam por esses dois conceitos de forma bastante rápida, podendo estes se sentir confortáveis ao longo do dia, nutrindo sentimentos de identificação e afeição para com o lugar que estão, e, nesse caso, pode ser considerada como uma espécie de patriotismo, levando o Capão Redondo a ser visto como um bairro que dota de valor e de significação o seus habitantes, ao mesmo tempo que é dotado de valor e significação por eles. Para Tuan, o patriotismo é um sentimento que não se dá em grandes extensões de terra, sendo mais restrito a locais menores, que geram algum tipo de identificação para um determinado grupo social, que busca defende-lo e ovaciona-lo. Ele divide o patriotismo em local e imperial, sendo que, para o nosso caso, o que importa é o local: “O patriotismo local reside na experiência íntima do lugar e no sentido da fragilidade do que é bom: não há garantia de que dure, aquilo que amamos.”

Porém, se em algumas situações os habitantes do Capão Redondo se sentem tranquilos e seguros em seu local de residência, em outros momentos isso pode ser transformado, por exemplo durante a noite, momento em que podem sentir um profundo medo da região em que habitam. Como o próprio Tuan diz: “Quem dorme sossegado? Nós gostaríamos de dizer ‘aqueles que têm a consciência limpa’, mas a melhor resposta é ‘aqueles que podem se dar ao luxo de não sentir medo’”. Dessa forma, a Topofobia que os personagens do romance sentem ao longo de todo o livro, é transformada em um desejo, verificado em diversos personagens, em sair da periferia. Portanto, apesar de todos os personagens do livro admitirem a diferença marcante, no sentido cultural, que existe entre eles e os habitantes de outras regiões, algo que poderia gerar uma repulsa por uma moradia em regiões mais centralizadas, o medo e o desconforto do lugar em que vivem os impele a buscar uma outra região.

Uma outra maneira de se olhar para a periferia através do conceito de Topofobia, é a de seu lugar na cidade enquanto região. O bairro do Capão Redondo possui uma fama negativa como local onde atos fora da lei são cometidos com frequência, algo que, comparativamente com o resto da cidade, é uma verdade, porém não significa que todo e qualquer morador irá praticar algum crime contra toda e qualquer pessoa. A concepção geral da cidade em relação ao Capão Redondo é bastante negativa, configurando esse sentimento como o de Topofobia, porém, existe um desconhecimento profundo acerca dessa região, que é reforçado por notícias negativas por parte da mídia, fazendo com que a cidade como um todo veja o Capão Redondo e, na mesma medida, a periferia, como um local a ser evitado, até mesmo por parte de seus próprios habitantes.

Outro fator que pode ser explorada pela Geografia Humanista que gostaríamos de explicitar é a diferença entre gêneros na periferia. Homens e mulheres, por possuírem uma vivência bastante diferente um do outro, desenvolvem sensações e percepções diferentes acerca do mundo. O autor, ao criar os protagonistas que fazem parte da trama, se utiliza de uma única personagem feminina, Aninha, que, por ser a única mulher em um mundo que é praticamente dominado pelos homens, sente a necessidade de adotar posturas

mais firmes em relação aos homens para poder ganhar respeito: “[...] sabia também que pelo fato de ser mulher, qualquer coisa por mínima que fosse tinha que resolver.” (p. 43). A questão da mulher, para Ferréz, é bastante presente. Apesar dele não se aprofundar em nenhum tipo de questão feminista, o autor coloca, em diversas passagens de seu livro, o papel da mulher em relação ao do homem na periferia. Em uma dessas passagens, ao falar da esposa de Régis, Eliana, o autor coloca o seguinte:

A vida na periferia para as mulheres sempre foi mais cruel, isso ela já sabia desde nova, ia sua mãe só nos deveres domésticos, e seu pai todos os dias ia para o bar, jogava bilhar e baralho, bebia sempre, caipirinha, Contini e de vez em quando bombeirinho. Nos finais de semana ainda ia jogar bola, enquanto sua mãe sempre no lar, passando, cozinhando, lavando, varrendo, criando os filhos, presa na própria casa, as saídas que dava eram sempre pra fazer a feira, para comprar leite e pão. (p. 79)

Capítulo 3 – Lugares, Topofobia e Topofilia

Ao longo do Manual Prático do Ódio, Ferréz nos coloca diversos lugares que fazem parte do cotidiano dos moradores da periferia. Esses lugares, para o entendimento da Geografia, possuem uma importância maior do que a simples ocupação de um espaço. São nos lugares que os indivíduos criam relações afetivas, se relacionam, tomam decisões e passam a pensar em si como pertencentes daquele lugar. Para Yi-Fu Tuan(1983), o lugar se configura como pausas no espaço, onde as pessoas criam algum tipo de laço afetivo ou vínculo com determinado local. Para o autor: “O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos.”. Desse modo, os lugares que aparecem com mais frequência na narrativa de Ferréz são aqueles que possuem uma maior expressividade no contexto da periferia, aqueles com o qual os seus personagens mais se identificam e mais usufruem.

O lugar mais comum, que salta aos olhos devido a sua frequência, é o bar, ou, como o autor coloca, o boteco. Ferréz explora diversas situações em que o bar surge como um local de confraternização e de compartilhamento de ideias e planos, sempre com o consumo de cerveja associado. Por estar ligado a essa frequência de aparecimento dos personagens do livro e figurar como um local comum aos integrantes do crime, o bar ganha uma outra conotação, se tornando, por vezes, um lugar perigoso, onde ocorrem diversas resoluções de conflitos através do assassinato de personagens que possuem divergências. Ao todo, ao longo do livro, Ferréz narra três situações em que o bar é palco desses assassinatos, se tornando um lugar, mesmo que seja primordialmente de confraternização, perigoso. O Bar do Neco, por exemplo, surge em diversas passagens do livro, sendo um lugar comum dos assassinatos na região. É interessante notar a naturalidade com a qual os personagens do livro abordam esse local nessas circunstâncias. Em um trecho em que Ferréz narra uma das situações de assassinato, vemos o seguinte:

As balas de Aninha já tinham acabado, e Régis chegou por trás do rapaz que estava se arrastando de bruços e efetuou um tiro de misericórdia na nuca, nenhum movimento a mais foi realizado por ele depois desse disparo, Lucio Fé queria que deixassem os corpos ali

mesmo, e Régis não concordando resolveu os arrastar para dentro do bar, fechando a porta logo em seguida, se passaram alguns segundos e a rua já estava infestada de curiosos. (p. 27)

Essa passagem, ao mesmo tempo que coloca o bar como o lugar central do acontecimento, nos mostra a relação bastante íntima que os personagens possuem com ele. Efetuam os assassinatos neste local e, após isso, se utilizam do próprio local com o intuito de esconder os corpos dos personagens assassinados para os esconderem da população local e da polícia e, posteriormente, colocarem em carros para jogar-los em uma mata. Outra passagem que mostra a insegurança em um bar é quando Régis é obrigado a se abrigar no bar do Neco e: “sabia que estava em lugar aberto ali, e no caso de qualquer um tentar mata-lo estava em desvantagem” (p. 205). Mostrando não só o bar, mas também o constante medo que permeia a relação dos personagens com a região em que estão.

Ao mesmo tempo, os donos de bar parecem não intervir nos crimes realizados. Quando os protagonistas matam outros personagens e utilizam o espaço do bar para esconder os corpos, Ferréz coloca: “[...] o dono do bar ganhou o direito de não comentar o fato”, mostrando a relação que existe entre aqueles que praticam o crime e o dono do bar, que não é necessariamente de conluio ou compartilhamento de interesses, mas sim de neutralidade. Em todas as situações que envolvem esse tipo de ação, o dono do bar é visto como uma figura neutra, que não se envolve tentando impedir algum tipo de crime ou de delatar aqueles que cometeram o crime. Dessa forma, ele parece proteger a sua posição frágil diante dos personagens mais perigosos, já que a sua localização é fato sabido por todos.

Outro lugar que aparece com frequência, não apenas como espaço físico mas também como instituição, é a igreja, que tem um papel bastante presente em quase todos os personagens do livro. Mesmo aqueles que fazem parte da vida do crime possuem algum tipo de crença e seguem alguma religião. Essa instituição ganha ares de onipresença pelo fato do autor não especificar nenhum tipo de religião, como a católica ou evangélica, apenas diz que existe uma igreja e que os seus personagens rezam com certa constância. Ao contrário do bar, a

igreja é um lugar de grande respeito, em que os personagens apenas interagem quando necessitam tratar de algum assunto religioso, evitando qualquer tipo de crime próximo ou dentro das igrejas. Ao mesmo tempo, a religião pode aparecer de outras formas que não a monoteísta, o que configuraria uma certa pluralidade na religião da região, em que os moradores, apesar de não seguirem uma doutrina que fuja da do monoteísmo, acreditam na possibilidade de religiões diversas. Em uma das passagens do livro, em que Celso Capeta leva Régis a um pai-de-santo para que fosse aconselhado, Régis, em um primeiro momento, se coloca de maneira cética em relação ao pai-de-santo: “[...]disse que era besteira, que esse negócio de vidente e pai-de-santo é coisa para otário.”. Mas, ao final dessa passagem, Régis, ao ouvir do pai-de-santo que um espírito que vagava o acompanhava e que, para se livrar dele, precisaria sacrificar uma galinha, Régis prontamente corta o pescoço de uma das galinhas do pai-de-santo e responde ao seu amigo que o chama de louco: “Louco? Louco era aquele cara que tava vagando. Vai puxar o diabo, eu não, jão, que se foda.”. Apesar de ter fé em outra religião, Régis acata o pedido, com medo do espírito que o acompanhava, demonstrando que, apesar de crer em algo que nega esse tipo de intervenção com caráter místico, crê que o pai-de-santo lhe fala a verdade, o que indica uma certa pluralidade nas crenças da periferia, que podem se misturar e se encontrar, visto que fazem parte de uma região formada por pessoas proveniente de diversas partes do país, e que carregam consigo diferentes crenças.

Mesmo aqueles que são conhecidos por cometer crimes que são contrários aos dogmas ensinados pela religião, como o assassinato, possuem uma grande fé, inclusive chegam a explicar como dão conta dessa contradição entre os dogmas da igreja e os atos que realizam, conflitantes com estes. Em uma passagem dedicada a outra personagem, Aninha, essa ideia fica bastante clara:

Sempre que terminava o assalto pensava que do mesmo modo que Cristo, um verdadeiro revolucionário, sempre está do lado dos menos favorecidos, estaria a seu lado, e se o povo é a maioria, essa maioria é composta por minorias, então Cristo teria que estar presente em tudo que fazia (p. 57)

A residência dos personagens também é bastante comentada e se configura como um lugar de caráter ambíguo. Quando pensamos na ideia de um lar, pensamos, geralmente, em um lugar seguro, em que temos a nossa integridade física minimamente garantida contra as intempéries e os perigos que estão do outro lado dos muros de nossa residência. Para os personagens do romance, entretanto, a residência nem sempre possui essa conotação. O personagem Régis, por exemplo, evita dizer aos outros qual é o seu endereço exato, com o intuito de evitar que pessoas com as quais ele desenvolve divergências venham tentar lhe causar algum tipo de mal. É um personagem que já está inserido no mundo do crime há algum tempo e, por isso, entende as dificuldades e os problemas que isso pode trazer, se mostrando, ao longo de toda a trama, extremamente cauteloso. Em uma das passagens que explora os pensamentos deste personagem, Ferréz escreve: “Em rio que tem piranha, boi toma água de canudinho.” (p. 14). Esse cuidado em relação ao mundo que vive e como reage de acordo com isso, gera em Régis uma necessidade de resguardar a si e a sua família, fazendo com que o protagonista não revele para ninguém o seu local de moradia. Em outra passagem, quando um dos personagens secundários procura por Régis, recebe a seguinte resposta de um dono de bar:

[...] Régis uma vez havia comentado que todo mundo podia saber onde ele andava, mas não onde morava, afinal se algum maluco viesse quebrar ele, ele trocava tiro e levava pelo menos um, mesmo se morresse tentando, agora sua família não tinha nada a ver com isso (p.33).

Essa passagem é interessante, pois nos mostra de que modo esse personagem concebe o seu local de residência. Ao mesmo tempo que a visão comum de que a casa seria um local de segurança é compartilhada por Régis, ele entende que deve resguardar essa informação, para que esse local continue a ser seguro. Temos a ideia, portanto, de que ao nos inserirmos em uma vida que proporciona maiores perigos, a segurança fica comprometida, podendo levar inclusive locais que são comumente tomados como seguros a se mostrarem inseguros.

Aninha é outra personagem que, sentindo-se em perigo, muda do Capão Redondo para um hotel no bairro de Santo Amaro e, quando descoberto o seu novo local de moradia, se vê novamente em perigo e obrigada a se mudar novamente, dessa vez para Bahia, local de seu nascimento e, em certa medida, seguro. O lugar de moradia, então, passa a ser fragilizado devido a vida do crime que os personagens levam, podendo configurar em um risco para estes, pois, ao mesmo tempo que é um lugar de segurança, é um lugar estático, onde os personagens possuem mais chances de estar e, portanto, mais chances de serem encontrados, além da residência abrigar a família dos personagens que estão envolvidos com o crime. Para Tuan(1983) o conceito de lugar se contrapõe ao de espaço no sentido de que o lugar traz a ideia de segurança e o espaço a de liberdade. Nesse caso, a segurança estaria no sentido dos personagens criarem laços afetivos com a sua moradia, desenvolvendo conforto ao se verem em um local conhecido. Essa segurança também está atrelada ao fato da residência proteger os seus moradores das intempéries e dos problemas sociais, algo que nem sempre é certeza na realidade dos moradores da periferia, podendo gerar uma constante insegurança, algo que foi discutido acima quando explicitamos os conceitos de Topofilia e Topofobia, de Yi-Fu Tuan.

Essa percepção dos moradores da periferia acerca da insegurança de suas residências não precisa estar, necessariamente, atrelada ao crime, mas também a uma moradia precária, que é comum na periferia, e um fato que o autor irá explorar diversas vezes. Nem sempre a ideia da residência surgirá como um local de abrigo, pelo contrário, a residência da periferia falha em cumprir o seu papel primordial de garantir segurança aos moradores, devido às condições precárias com as quais elas são feitas e a irregularidade dos locais de construção. José Antônio, por exemplo, personagem que ilustra o cidadão que vive fora da vida do crime na periferia, sofre com a sua moradia precária:

[...]entre uma garfada e outra olha para toda sua casa, observa os blocos sem chapisco, observa as telhas que precisam de uma nova pintura, vê os fios pendurados e já cheios de teias de aranha, observa por último o piso vermelho e já tão desgastado. (p. 38)

Ou quando Dinoitinha visita a sua avó e repara em sua casa, bastante precária:

[...] antes de sair, deu uma olhada pela casa, as madeiras de vários tamanhos que formavam aquele barraco já estavam velhas e muitas estavam apodrecidas, os raios do sol entravam por todo o barraco, iluminando a cama de dona Vera, dando um ar de misticismo em todo o ambiente, a colcha de retalhos que cobria a senhora tinha pedaços de tecidos de toda as cores, o colchão sem forro, o penico embaixo da cama, o cheiro forte de urina e fezes. (p.110)

A urbanização desenfreada e a necessidade de um local de moradia levam a cidade de São Paulo a ser rodeada por periferias de estruturas precárias, locais em que as residências são feitas guiadas pela necessidade imediata de moradia muito mais do que pelo planejamento. Nesse caso, a necessidade de possuir uma residência para habitar e alcançar o mínimo de segurança fala mais alto, fazendo com que outros fatores, geralmente considerados em uma construção planejada, assumam um papel secundário. A casa de José Antônio, por exemplo, se encontra na várzea de um córrego, levando ele e sua família a enfrentarem com frequência o problema da enchente. Próximo ao final da narrativa, José assiste, impotente, a queda de sua casa:

José não acreditou quando viu a parede da sala cair inteira, e descer pelo morro, num momento estava com a casa somente cheia de água e lama, no outro tudo estava caindo [...] José tentou ir para o banheiro, mas o teto da sala começou a desmoronar, de onde estava já dava para ver o córrego inundado lá embaixo, colchões, engradados de cerveja, caixotes de feira, tudo começava a passar por ali. [...] a casa desmanchava por inteiro e caía na ribanceira que antecedia o córrego (p. 208)

A casa de José, construída precariamente, próxima a um córrego, não resiste à chuva e se desmancha, desabando em direção ao fundo de vale. José Antônio, entretanto, não possui um outro lugar para ir. Todas as suas lembranças, conhecidos e família viveram naquele local por anos e a ideia de se mudar não chega nem a figurar nos planos de José. Pelo contrário, assim que a chuva passa, ele começa a reconstrução de sua casa no mesmo lugar que o anterior, mesmo sabendo da possível repetição da tragédia, pois não possui outra opção além desta. Nesse momento, a igreja volta a figurar com

importância, pois é com ajuda dos membros da igreja que José consegue reerguer sua moradia, enquanto a família se abriga de favor na casa de uma amiga, mostrando um senso de comunidade bastante presente nos momentos mais problemáticos.

Outros lugares aparecem ao longo da trama, como a padaria, o baile e o campo de futebol. Todos com características de confraternização e todos, sem exceção, figuram a possibilidade da ocorrência de crimes e assassinatos, levando aos leitores e personagens uma sensação de constante insegurança ao longo de toda a trama. Acerca do uso de espaço, o campo de futebol é bastante emblemático, mesmo que Ferréz não o explore a fundo, de acordo com o autor o campo só continua a existir, mesmo que de maneira precária, devido a luta dos moradores. De acordo com um personagem que Ferréz não especifica: “Queria ficar sem campo, nego, sorte que a gente impediu dos pessoal construir aqui, senão nem campo tinha.” (p. 70). Essa passagem demonstra o conflito do uso do espaço na periferia, que pode também ser bastante problemático pela falta de espaço disponível para realizar diversas atividades.

Ao mesmo tempo, o autor descreve como os seus personagens se relacionam com lugares que não são comuns a eles e que causam estranhamento e desconforto, advindo de um forte sentimento de deslocamento. De forma emblemática, o lugar mais comum e mais explorado por Ferréz onde essa sensação surge, é o shopping. Visto que a função primordial dos shoppings centers é a de consumo e que os personagens do livro são, em sua maioria, da classe baixa, estes possuem pouco acesso e pouca possibilidade de irem a esses locais e, quando o fazem, são vistos como pessoas estranhas aos olhos de quem frequenta esses lugares com alguma regularidade, por não estarem de acordo com os frequentadores do local, seja pela vestimenta, seja pela cor da pele. Aninha, por exemplo, é uma dessas personagens, que, ao ir para Moema com o intuito de roubar uma loja, se lembra da última vez que esteve no shopping Morumbi: “[...] os olhares dos seguranças, que sempre estavam próximos, quando entrava já era notada, e até no banheiro tinha uma segurança a seguindo.” (p. 56). Para essa personagem, o bairro nobre de Moema e o shopping Morumbi se configuram como locais que geram desconforto e um sentimento de deslocamento, sendo vistos somente como regiões onde é

possível realizar um roubo ou, em um futuro distante, habitar, caso conseguisse ascender para uma classe social mais alta no âmbito econômico. Nessa passagem, Ferréz coloca a visão de Aninha em relação ao bairro, ao mesmo tempo que coloca a visão dos moradores do bairro em relação a Aninha:

[...] foi sentido a Moema, decidida a fazer uma loja e já sabia que iria fazer a cena do louco, e sabia que chegaria no arrebento chutando a porta e os playboys a olhariam com desprezo e medo, e logo eles que têm tanto poder quando estão nos carros importados iam ter que se ajoelhar e rezar pra num dar em merda, porque a porra da maloqueira ali tava com uma dor lá dentro e qualquer um que desse motivo ia pagar. (p. 57)

Esse sentimento de não pertencimento a um lugar é colocado pelo próprio autor em entrevista dada ao El País, em que este reflete acerca da utilização de um lugar de consumo sendo utilizado pelos moradores da periferia:

Você vê isso quando está num shopping. Eles olham pra mim e olham pro meu povo de um jeito diferente. Se eu for com quatro moleques pretos no shopping, isso causa. Fica todo mundo olhando.

Ferréz, portanto, ao se colocar acerca desse pertencimento de lugar, entende que alguns deles podem causar desconforto, quando as sensações e os sentimentos em relação ao lugar não são de pertencimento. Ao mesmo tempo, quando pessoas que fazem parte de uma camada social economicamente inferior vão a um lugar que é normalmente utilizado por outra camada social, mais abastada, isso pode causar estranhamento, mesmo que o local seja público. Esse estranhamento não passa de maneira despercebida, nem pelo autor, nem pelos personagens e nem pelos moradores da periferia que se aventuram a ocupar um espaço que a classe média e alta considera como seu. Como coloca Morss(1986):

Para os dominadores, o espaço público é uma extensão de seu espaço pessoal: pertencem a ele porque ele lhes pertence. Para os politicamente oprimidos (uma expressão que nosso século aprendeu não ser apenas uma questão de classe social), a existência no espaço

público é provavelmente sinônima de vigilância estatal, censura pública e restrições políticas.

Considerações Finais

Ferréz, ao escrever o *Capão Redondo* de maneira tão ampla e, ao mesmo tempo, tão minuciosa, nos propõe uma gama de possibilidades de análise e sensações, possibilitando a realização de leituras que ultrapassam em grande medida o senso comum. Em nossa opinião, essa riqueza que pode ser encontrada na obra advém do fato de Ferréz ser um observador crítico de seu mundo e um escritor que possui as ferramentas necessárias para transpassar ao leitor os problemas sociais que envolvem a periferia, não se utilizando de um academicismo teórico mas sim compondo um leque de sensações e situações em que seus personagens são humanizados e seus atos, que podem parecer distantes para alguns leitores, passam a ser compreensíveis através de determinadas óticas.

Ao mesmo tempo, o autor está atento para detalhes que compõem o seu cotidiano, expondo cores, cheiros, hábitos alimentares e sentimentos que permeiam os moradores do *Capão Redondo*, enriquecendo a trama com elementos que poderiam passar despercebidos por alguém que visite, ou até mesmo habite, o local que Ferréz nos narra.

Assim como colocado em *Vidas Secas*, Ferréz utiliza sua região de maneira presente, não se esquecendo de compor um espaço que é influente e que tem um papel ativo na vida dos moradores, seja através de problemas ligados a ordem natural, como as enchentes, seja através de questões mais subjetivas, como a linguagem, se configurando em uma obra que possui um caráter altamente geográfico e social, passível de ser visto pela ciência com olhos analíticos, mas que não perde a sensibilidade que a literatura e a arte se propõem a possuir.

Bibliografia

- ALMEIDA, T. M. Geografia e Cinema do Brasil: Estado da Arte. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.2, n.1 (2011).
- BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. In: GEOgraphia – Ano. II – No 3 – 2000.
- BENTES, Ivana. Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome in: Alceu, v. 8, n. 15, p. 242-255, 2007.
- BUCK-MORSS, S. "The flaneur, the sandwichman and the whore: the politics of loitering". New German Critique, n-º 39, 1986, pp. 99-140, p. 118.
- CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (Org.). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.11-43.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. Leituras sem Palavras, série Princípios, Ed. Ática, São Paulo, 1986.
- FERRÉZ. Manual Prático do Ódio. Objetiva, Rio de Janeiro, 2003.
- FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. Ulisseia: Lisboa, 1963.
- FRÉMONT, Armand. A região, espaço vivido. Coimbra, Almedina, 1980.
- GEIGER, Pedro P. Ciência, arte e a geografia no cinema de David Lynch. In: GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N° 15, pp. 11-18, 2004
- HOSSNE, Andrea S. Depoimento ao programa "O mundo da literatura": Literatura marginal: tradição. Produção de Ricardo Soares. São Paulo, Rede STV, 2003. 1 fita de vídeo (30 mín.)
- LEFEBVRE, Henri. La presencia y la ausência: contribucion a la teoria de las representaciones. Fondo de cultura econômica, México D.F. 1983.

MARANDOLA Jr., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. In: Geograficidade, v.3, n.2, Inverno, 2013. P. 49 – 64.

MONTEIRO, Carlos A. de F. O mapa e a trama: Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Editora da UFSC, Florianópolis, 2002.

MORAES, Antônio C. R. Ideologias Geográficas, Ed. Hucitec, São Paulo, 1988.

MYANAKI, Jacqueline. A paisagem no ensino de geografia: uma estratégia didática à partir da arte. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NASCIMENTO, Érica P. “Literatura Marginal”: os escritores periféricos entram em cena. Dissertação (Mestrado em antropologia social). Universidade de São Paulo, 2006.

NOVAES, Aduino et al. Artepensamento. Cia das Letras: São Paulo, 1999.

PEREIRA, Alexandre B. Funk Ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. Revista de Estudos Culturais, v. 1, p. 1-18, 2014.

PRETI, Dino. “O léxico na linguagem popular: a gíria”. Disponível em: < http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/simelp/index.php?option=com_content&view=article&id=283:s-18&catid=7:i-simelp&Itemid=65 >. Acesso em: 29/03/2017.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Livraria José Olympio: Rio de Janeiro, 1955.

SANTOS, Wendel. Crítica: uma ciência da literatura. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983.

SOUZA, Marcelo J.L. de. “Espaciologia: uma objeção” in: O espaço em questão, Terra Livre, N°5, São Paulo, 1988.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. In: Antonio Christofolletti. (Org.). Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1982

_____. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Difel, São Paulo, 1983.

_____. Paisagens do Medo. Editora Unesp, São Paulo, 2005.

_____. Topofilia. Difel, São Paulo, 1980.

Sites consultados

Entrevista do autor Ferréz ao jornal El País

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/21/cultura/1429627864_042387.html>

(*acesso em 28/03/2017*)

Capao. <www.capao.com.br> (*acesso em 29/03/2017*)